

CONTRIBUIÇÕES DA PSICOLOGIA NO CONTEXTO ESCOLAR: A COMPREENSÃO DE PSICÓLOGOS, PROFESSORES E GESTORES DA EDUCAÇÃO BÁSICA.

Fellipe Liderman de Lima Moreira¹, Tayene da Silva Ramos², Flávio Alves da Silva³, Wilma Magaldi Henriques⁴

1. Estudante do curso de Psicologia; e-mail: fellipe_liderman@live.com
2. Estudante do curso de Psicologia; e-mail: tayene.dsr@gmail.com
3. Professor da Universidade de Mogi das Cruzes, e-mail: flaviosilva@umc.br
4. Professora da Universidade de Mogi das Cruzes, e-mail: wilmah@umc.br

Área de conhecimento: Psicologia.

Palavras-chave: Psicologia Escolar; comunidade escolar; educação; educação básica; contexto escolar.

INTRODUÇÃO

A proposta de uma educação de qualidade que promova formação científica e cultural e proporcione a ampliação da participação efetiva da população nos processos decisórios da sociedade, esbarra em problemas existentes dentro e fora da escola. O poder público se mostra omissivo e negligente em estabelecer condições para a oferta de uma educação de qualidade, ao mesmo tempo em que difunde “uma concepção de escola como ajustamento à ordem social estabelecida” (LIBÂNEO, 2006). Para o autor, se é verdade que fatores externos influenciam no funcionamento da escola, existe uma tarefa a ser realizada dentro dela, “de assegurar uma organização pedagógica, didática e administrativa para um ensino de qualidade associado às lutas concretas das camadas populares”, ou seja, a escola é um poderoso instrumento de transformação social, de combate às desigualdades e de superação de problemas sociais históricos. Assim, a Psicologia desde a década de 60 busca uma inserção na equipe técnica escolar, entretanto, suas investidas neste campo resumiu as atividades do psicólogo em orientador, professor, e atualmente, pesquisador do contexto escolar, psicólogo clínico especializado em aprendizagem e realizar serviços eventuais na escola. No contexto escolar não existem dúvidas em relação à atuação de diretores, coordenadores pedagógicos ou orientadores, mas quando se trata da atuação de psicólogos, apresentam-se diversas contradições (MARTINEZ, 2010). Diante disto, este trabalho buscou identificar e analisar como professores, gestores da educação básica e psicólogos compreendem as contribuições da Psicologia, assim como o papel do psicólogo no contexto escolar. O estudo partiu da hipótese que a atuação de psicólogos na escola é uma atuação permeada por contradições, sendo o profissional compreendido como um “enfermeiro escolar”, balizando suas ações por um modelo individualizante e exclusivo, agindo em situações limite semelhantes ao caráter clínico da profissão. Considera-se que a atuação de psicólogos lida com limites e entraves institucionais e pessoais, sua intervenção desconsidera a escola como um todo e não intervém em todo o contexto escolar.

OBJETIVOS

Este estudo teve como objetivo geral identificar e analisar como professores, gestores da educação básica e psicólogos compreendem as contribuições da Psicologia, bem como o papel do psicólogo no contexto escolar; e como objetivos específicos: a) identificar de que forma os professores, gestores da educação básica e psicólogos compreendem a práxis psicológica no contexto escolar; b) descrever como se dá a presença e as principais intervenções de psicólogos no contexto escolar; e c) descrever as relações entre psicólogos

e outros profissionais de educação na escola; identificar as principais dificuldades na atuação de psicólogos no âmbito da escola.

METODOLOGIA

Trata-se de pesquisa descritiva e exploratória de abordagem qualitativa, que utilizou-se da metodologia da História Oral Temática, conforme o proposto por Meihy (1991). Participaram desta pesquisa 08 indivíduos, sendo 03 psicólogos que atuam em interface com a educação, 03 professores, e 02 gestores (coordenadores, vice diretores ou diretores) da rede pública que se dispuseram a participar voluntariamente do estudo. A pesquisa foi executada a partir da realização de entrevistas abertas com profissionais, utilizando um gravador, iniciada a partir da seguinte questão disparadora: *De que forma você acredita que a Psicologia pode ser útil no contexto escolar/educacional?* As entrevistas foram transcritas, textualizadas e cartografadas, sendo assinalados pontos que se relacionavam com os objetivos da pesquisa (MEIHY, 1991). A análise partiu do entrelaçamento das falas dos entrevistados com reflexões dos pesquisadores e dos autores estudados, objetivando elucidar a compreensão dos profissionais acerca da práxis psicológica na escola.

RESULTADOS/DISCUSSÃO

A discussão da necessidade do psicólogo no contexto escolar não é um assunto essencialmente novo, entretanto nos últimos anos vem ganhando notoriedade. Em 2019 em decorrência do massacre ocorrido na escola Professor Raul Brasil em Suzano-SP, foi promulgada pelo governo Federal a lei nº 13.935 que mesmo com algumas lacunas e dubiedades, evidenciava a necessidade e a obrigatoriedade de psicólogos no contexto escolar. Dentro do ambiente escolar existem diversos espaços propícios para a práxis psicológica, não somente para campo de atuação e abertura de mercado, mas ressalta-se aqui a responsabilidade social da profissão. Esta multiplicidade de fazeres foi notada no relato de P1 e P3: *“Tem muito mais coisas que o psicólogo pode fazer do que evitar chacina [...] Psicólogo pode trabalhar com prevenção, o psicólogo pode trabalhar com clima, com a avaliação [...] “n” possibilidades que dá pra serem trabalhadas”* (P1); *“O trabalho do psicólogo escolar ele é amplo, ele atinge todos os setores e consegue trazer um lado mais humanizado [...]”* (P3). Segundo o CFP (2013) cabe ao psicólogo escolar compreender as inúmeras nuances presentes na atividade educacional, para que possa intervir de forma assertiva e desenvolver seu trabalho envolvendo toda a comunidade escolar (professores, gestão, pais, funcionários e alunos), visando o bem estar coletivo. Desta forma, compreende-se que o trabalho do psicólogo na escola não está pautado apenas em características individuais e exclusivas dos envolvidos, mas sim na comunidade escolar como um todo, ou seja, em seu desenvolvimento global. Sua função implica numa atuação focada na construção de uma escola participativa e democrática, pois sua prática é transformadora da realidade que ali existe, através de diferentes ações dentro do contexto escolar. Foi possível observar na fala dos professores e gestores o reconhecimento e a necessidade do fazer psicológico no cenário educacional, como relatado pelo entrevistado P4: *“Se o psicólogo fosse efetivo na escola, eu acho que seria de uma ajuda extrema [...] O profissional psicólogo ele enxerga pontos, sinais que o professor não consegue identificar”* (P4). Entretanto por mais que a comunidade escolar clame pela presença do psicólogo, a compreensão da prática está arraigada em um fazer clínico, focado somente no indivíduo e não em um processo. O relato de P5 e P6 explicitam respectivamente essa compreensão: *“Eu acredito que com um profissional psicólogo de repente os pais ficariam mais abertos e aceitariam melhor as orientações, ouviriam um profissional, até porque a gente não pode diagnosticar [...] pudessem ao mesmo tempo encaminhar, chamar, e se essa criança tivesse um olhar mais de perto”* (P5); *“[...] o suporte maior teria que ser para os professores, temos professores muito carentes de um suporte emocional”* (P6).

A visão clínica faz a escola buscar atendimento psicológico tanto para os alunos como para os professores e demais funcionários, pois atribui a culpa das dificuldades a questões próprias do sujeito, sendo o aluno aquele que é visto como um problema a ser solucionado fora do contexto educacional. Segundo Andaló (1984) é comum que a comunidade escolar compreenda a psicologia escolar de forma clínica, visto que a escola possui uma perspectiva de ajustamento e adaptação ao seu meio que sempre é visto como adequado, sendo o sujeito o centro dos problemas e o psicólogo aquele que irá tratá-lo. Podemos analisar que esta perspectiva aparece de forma naturalizada nos discursos dos professores, o que nos faz questionar sobre a responsabilização da comunidade escolar com o processo educacional de seus alunos. Nos relatos dos docentes, os psicólogos são necessários na tratativa com as crianças que precisam de uma atenção diferenciada, devido a algum tipo de dificuldade identificada no processo de ensino-aprendizagem, porém quando se trata da responsabilidade da escola neste processo, encontra-se nos relatos apenas o que se diz respeito aos encaminhamentos e orientações aos pais e professores de como agir com esta criança, não apresentando indícios de que a própria escola necessita de mudanças e não apenas o indivíduo. Isto também é expresso nas falas que atribuem a família “culpa” pelas dificuldades enfrentadas no cotidiano escolar. Em uma busca incansável por resultados taxativos a instituição escolar se aproxima de um modelo mecanizado, eximindo-se das responsabilidades com o processo e agindo com uma visão psicologizante do ensino. Partindo disto, Patto (2015) sugere a necessidade de questionarmos este discurso de responsabilização, pois é notório a proporção de determinantes institucionais no processo que ela denomina como fracasso escolar. Patto (1997) ressalta que práticas e processos escolares mecanizados geralmente produzem alunos com comportamentos ditos disfuncionais. Esta produção de “desajustamento” fomenta a compreensão de que o sujeito precisa ser readequado ou adaptado, favorecendo a compreensibilidade do fazer clínico do psicólogo no contexto escolar. Embora todas as falas coadunem para a necessidade do psicólogo na escola, ainda que enredada no fazer clínico, notou-se pelos relatos que existem resistências da comunidade escolar com a figura do psicólogo, principalmente quando ocorre o atravessamento deste em fazeres de outros profissionais, como apresentado por P3: *“Quando chegamos na escola muitas vezes os professores se sentem invadidos, eles já te recebem com uma defesa psicológica, então falam assim “ah é a psicóloga”, sabe, tipo “lá vem ela falando o que eu tenho que fazer”* (P3). De acordo com o CFP (2013) a prática psicológica deve compreender a estrutura institucional hierarquizada que favorece e confina os saberes, deste modo faz-se necessário que o psicólogo construa uma ponte de diálogo saudável com a comunidade escolar, visando desmontar a concepção prévia e incongruente com a ação psicológica. Durante as entrevistas foi possível identificar falas de psicólogos, que sintonizam-se com o que preconiza o CFP (Conselho Federal de Psicologia) em relação a construção de um fazer coletivo, visando relações mais horizontais expresso em P3 e P2: *“mostrar que não estava ali para tentar falar o que estava certo e o que estava errado, não era isso, era só para ajudar, contribuir a terem uma comunicação melhor, terem uma qualidade de vida melhor [...]”* (P3); *“foram barreiras que tiveram que ser quebradas [...] não que eu vá sair do meu papel, eu sou psicóloga [...] mas sair dessa posição de ser mais”* (P2).

CONCLUSÕES

A educação sozinha não modifica diretamente a estrutura social, para isso é imprescindível a conversão das consciências que perpassam o ambiente escolar (CFP, 2013). A partir disto, esta pesquisa buscou que os participantes repensassem e questionassem sobre suas práticas e possibilidades de atuação. O fazer da psicologia escolar é composto de muitas possibilidades, entretanto a concepção clínica ainda domina a compreensão geral da comunidade escolar, sendo assim o trabalho confirmou a hipótese inicial. Existe um apelo pela presença do psicólogo no contexto escolar, tanto para professores quanto para alunos, mas as resistências ainda estão presentes no fazer do psicólogo, pois a estrutura da escola confina saberes e verticaliza as relações. Os relatos dos participantes possibilitaram perceber

que muitos profissionais não tiveram contato com a psicologia em suas áreas de atuação, o que dificultou a compreensão adequada da prática psicológica no contexto escolar. Foi possível identificar nas entrevistas que os relatos dos profissionais culminaram na responsabilização exclusiva dos alunos e de seu núcleo sociofamiliar, eximindo a escola da responsabilidade e evidenciando o risco da instituição escolar se tornar um ambiente centrado em práticas de ajustamento. Portanto conclui-se que os objetivos da pesquisa foram alcançados, embora alguns objetivos foram mais explorados do que outros, devido à baixa presença do psicólogo na escola, como o estudo não permite generalizações, sugere-se novos trabalhos na área.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDALÓ, Carmem Silva de Arruda. O papel do Psicólogo Escolar. **Psicologia, Ciência e Profissão**, Brasília, v.4, n.1, p.43-46, 1984. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98931984000100009&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 15 jun. 2020.

CFP - Conselho Federal de Psicologia - **Referências Técnicas para a Atuação de Psicólogos (os) na Educação Básica**. Brasília, 2013. Disponível em: <https://site.cfp.org.br/wpcontent/uploads/2013/04/Refer%C3%A2nciasT%C3%A9cnicasparaAtua%C3%A7%C3%A3o-de-Psicologas-os-naeduca%C3%A7%C3%A3ob%C3%A1sica.pdf>. Acesso em: 15 jun. 2020.

MARTINEZ, Albertina Mitjáns. O que pode fazer o psicólogo na escola? In: MARINHO-ARAÚJO, Clasy Maria. **Psicologia Escolar: Pesquisa e Intervenção**. Brasília, 2010.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. **Canto de morte Kaiowá: história oral de vida**. São Paulo: Edições Loyola, 1991.

PATTO, Maria Helena Souza. **A produção do fracasso escolar: Histórias de submissão e rebeldia**. 4.ed. São Paulo: Intermeios, 2015.

PATTO, Maria Helena Souza. Para uma Crítica da Razão Psicométrica. **Psicol. USP**, São Paulo, v. 8, n. 1, p. 47-62, 1997. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010365641997000100004&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 19 set. 2020.

AGRADECIMENTOS

Com sincera estima agradecemos aos professores orientadores deste trabalho que com afincos disponibilizaram tempo e atenção, além de todos os profissionais que se dispuseram a participar voluntariamente desta pesquisa. Somos gratos por todos que em nosso processo de formação fomentaram o pensamento questionador e crítico diante das problemáticas sociais, não obstante de todo o processo nossos familiares e amigos que nos apoiaram e incentivaram.